



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III GUARABIRA-PB  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

**JUSIARIA SEBASTIÃO PEREIRA DE LIMA**

**A INFLUÊNCIA NEGATIVA DA FAMÍLIA NO PAPEL DO  
PROFESSOR COMO ORIENTADOR SEXUAL**

GUARABIRA- PB  
2014

**JUSIARIA SEBASTIÃO PEREIRA DE LIMA**

**A INFLUÊNCIA NEGATIVA DA FAMÍLIA NO PAPEL DO  
PROFESSOR COMO ORIENTADOR SEXUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia

Orientadora: Esp. Rônia Galdino da Costa

GUARABIRA – PB  
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L732i Lima, Jusiaria Sebastião Pereira de  
A influência negativa da família no papel do professor como orientador sexual [manuscrito] : / Jusiara Sebastiao Pereira de Lima. - 2014.  
18 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.  
"Orientação: Rônia Galdino na Costa, Departamento de Educação".

1. Família. 2. Papel do Professor. 3. Educação Sexual. 4. Orientação Sexual. I. Título.

21. ed. CDD 306.76

JUSIARIA SEBASTIÃO PEREIRA DE LIMA

## A Influência negativa da família no papel do professor como orientador sexual

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura plena em pedagogia

Aprovada em 09/12/2014.

Rônia Galdino da Costa  
Prof.<sup>a</sup> Esp. Rônia Galdino da Costa / UEPB  
Orientadora

Mônica de Fátima Guedes de Oliveira  
Prof.<sup>a</sup> Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira / UEPB  
Examinadora

Ivonildes da Silva Fonseca  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ivonildes da Silva Fonseca / UEPB  
Examinadora

## **SUMÁRIO**

Introdução.....	6
Educação Sexual.....	7
Papel das famílias na educação sexual dos filhos.....	10
A família e o papel do professor como orientador sexual.....	12
Algumas alternativas.....	14
Conclusão.....	16
Referências.....	17

# **A INFLUÊNCIA NEGATIVA DA FAMÍLIA NO PAPEL DO PROFESSOR COMO EDUCADOR SEXUAL**

LIMA, Jusiaria Sebastião Pereira

## **RESUMO**

A educação sexual tem sido tema necessário em reuniões escolares. Uma das variáveis deste processo é a interferência dos familiares no desenvolvimento do papel do professor como orientador sexual devido a suas crenças religiosas, culturais e pessoais, resultando na não aceitação que seus filhos sejam instruídos com temas dentro da sexualidade na escola. Objetivamos refletir sobre a interferência negativa da família no papel do professor enquanto orientador sexual e sugerir como esta pode auxiliar o professor na continuação desse processo de orientação da sexualidade. A metodologia utilizada é uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e analítica. Esperamos contribuir com as famílias que, por falta de informação e/ou obediência a suas crenças, deixam de colaborar ou colaboram erroneamente com a escola nesse processo de educação sexual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Família. Papel do professor. Educação sexual. Orientação sexual.

## 1. INTRODUÇÃO

A educação sexual tem se tornado assunto polêmico nas famílias, principalmente quando está voltada às crianças. Esta educação é o aprendizado informal, o qual tomamos conhecimento sobre a sexualidade ao longo da vida. Pode ocorrer de forma espontânea através das condutas e modelos presentes no cotidiano das crianças, temos como exemplo a família, a qual é considerada a primeira e principal educadora da criança e embora esta, nas últimas décadas, ter se ausentado da vida escolar de seus filhos, seus valores éticos e morais continuam sendo os primeiros aprendidos pelas crianças. Valores estes que, na maioria das vezes, contribuem de forma negativa nesse processo de orientação sexual oferecido pela escola, especialmente quando refere-se ao papel do professor enquanto orientador sexual.

O objetivo desse trabalho é refletir sobre a interferência negativa da família no papel do professor enquanto orientador sexual e sugerir como esta pode auxiliar o professor na continuação desse processo de orientação da sexualidade. Por isso propomos explicar sobre a educação sexual; refletir sobre o papel da família na educação sexual dos filhos; pensar a relação família x professor; discorrer sobre o papel do professor como orientador sexual; explicar a cerca da interferência da família no papel do professor enquanto orientador sexual; sugerir alternativas que contribuam positivamente para que a família auxilie o professor na efetivação desta educação tão necessária.

Os pais reagem, em sua maioria, ao se falar em orientação sexual na escola, muitas vezes isto se dá devido a carência de informações já que no tempo de escola deles o tabu era ainda mais forte, e os pais bem mais recatados, muitos outros motivos poderiam ser citados. Tratando-se da questão da informação uma forma de mudar esse pensamento seria talvez introduzi-los nesta tarefa, mesmo no que diz respeito a escola, uma vez que, os primeiros responsáveis por essa educação são eles.

O desejo por este trabalho teve inicio a partir de experiências pessoais vividas dentro do contexto da educação infantil, neste pudemos perceber que muita vezes, os professores até estavam devidamente preparados para a abordagem do tema, porém eram confrontados pelos valores éticos e morais que as famílias carregavam e faziam questão de não serem mudados, pela ausência de informações referentes

ao tema, com isso sentindo-se desconfortáveis para tratá-los. Essa orientação dada pela família tem trazido consequências danosas no desenvolvimento de uma sexualidade saudável nas crianças, pois “Educar sexualmente é ensinar as pessoas a analisarem, avaliarem, perceberem e escolherem uma forma de viver sua sexualidade, canalizando energias sem reprimir instintos ou ignorar a curiosidade, harmonizando-se em todos os níveis.” (SOUZA, 1999) porém, não é isso que podemos constatar em nossa juventude.

Este artigo está organizado de forma a inicialmente falarmos da educação sexual, diferenciando-a da orientação sexual e explanando, desde sua implementação no currículo escolar até os dias atuais. Em seguida discutiremos sobre o papel da família na educação sexual dos filhos, ressaltando que toda e qualquer educação é iniciada no ambiente familiar, dando continuidade falaremos das contribuições que a família tem dado, e se estas são positivas ou negativas, ao professor como orientador sexual e finalizamos propondo algumas alternativas para melhorar essa relação família x professor em benefício de uma educação sexual adequada para os filhos e educandos.

## **2. EDUCAÇÃO SEXUAL**

A educação sexual é um processo informal este segundo GOHN, Maria da Glória ocorre na família, na igreja, com amigos, no bairro, ou seja, através da interação com grupos sociais, os quais são carregados de valores e culturas herdadas historicamente e que através dessas interações são repassados de um para outro. Tem o objetivo de socializar, desenvolvendo neles, hábito e modos de pensar e agir frente aos obstáculos enfrentados na vida. Ocorre durante toda vida do indivíduo, desde seu nascimento. Busca-se a partir dessa educação, facilitar o desenvolvimento absoluto da pessoa, sem manipulação ou instrução de técnicas sexuais, estimulando o potencial interior de cada um instigando o processo educativo. Já a orientação sexual, é uma educação formal que de acordo com o autor citado acima é aquela que acontece na escola mediante a participação do professor e que tem os objetivos relativos ao ensino e a aprendizagem de conteúdos historicamente sistematizado, regimentados por leis.

Embora a educação/orientação sexual seja um tema, visto por algumas pessoas, somente nos últimos anos, esta já tem uma longa história, regada de altos

e baixos. No Brasil esta educação foi marcada por avanços e recuos (Barroso e Bruschini, 1982). As primeiras ideias sobre educação sexual surgiram no início do século influenciadas pelas correntes médico-higienistas em voga na Europa.

Estas ideias apregoavam o combate à masturbação, doenças venéreas e a preparação da mulher para o exercício do papel de esposa e mãe. Surgiram a partir daí novas reivindicações em relação a educação sexual, estas com objetivos diferentes e em 1928, aprovou-se, num congresso nacional de educadores, a proposta de um programa de educação sexual em escolas, porém professores que iniciaram este estudo sofreram processo jurídico e foram demitidos como foi o caso do professor Stawarski, do colégio Batista no Rio de Janeiro.

Entre 63 e 66 um colégio em Minas Gerais manteve um programa de educação sexual com alunos do quarto ano ginasial ( a atual oitava série), já no Rio de Janeiro o colégio Pedro Alcântara adotou, a partir de 64, essa educação em todas as series. Em 68 outros colégios também acrescentaram a educação sexual em seu currículo. Porém, dentre estas, no colégio Orlando Rouças o final foi drástico, pois uma crise na escola, devido ao clima de liberdade produzida por este trabalho resultou na exoneração da diretora, suspensão de professores e expulsão de alunos. (GUIMARÃES, 1995).

Neste mesmo ano, a deputada Júlia Steimbruck, do Rio de Janeiro, apresentou um projeto de lei que propunha a introdução obrigatória da educação sexual em todas as escolas do país, porém, apesar de ter recebido apoio de parte dos deputados, intelectuais e educadores, teve maior peso o parecer contrário apresentado pela Comissão Nacional de Moral e Civismo, que, no mesmo ano, pronunciou-se radicalmente contra a introdução da educação sexual nas escolas.

Só a partir de 1975, que reapareceu o interesse pela educação sexual, devido, provavelmente, às grandes mudanças observadas no comportamento dos jovens pós 1968. Entre os anos 1978 e 1980 realizam-se congressos de educação sexual nas escolas e registrou-se o grande interesse que o tema desencadeava no meio educacional. A partir daí, as experiências com a educação sexual deixou de ser repressivamente proibidas, mas desativadas por causa das precárias condições de trabalho e alterações político-administrativas nas secretarias de educação.

No decorrer da década de 80, muitas escolas abriram espaço para a temática da sexualidade apenas por meio de palestras, encontros ou debates a cargo de psicólogo ou médicos. Em 89, sob a responsabilidade do professor Paulo Freire, a

Secretaria Municipal de Saúde do estado de São Paulo, decidiu implantar a orientação sexual inicialmente nas escolas de primeiro grau, e depois nas de educação infantil. E a partir daí outros estados foram adotando a implementação da orientação sexual em seu currículo, como: Porto Alegre, Santos, Florianópolis, Recife, Campo Grande, Goiânia e Belo Horizonte.

Até os 4 anos de idade, o interesse sexual da criança está, basicamente, nas sensações do seu corpo, de carinho e atenção. Educá-los sexualmente é ensiná-los a se descobrir sem esconder seus instintos, curiosidades e medo da repressão. Afinal o ser humano transborda sexualidade e tentar inibir ou fantasiar esse fato que faz parte de seu desenvolvimento só contribui negativamente. Segundo (Hália Pauliv de Souza), cada pessoa desenvolverá um comportamento sexual que é fruto da educação sexual recebida mais a somatória das experiências pessoais vivenciadas e que se acumulam no decorrer de sua vida.

Então, se a educação sexual acontece a partir de uma aprendizagem, é notório a enorme responsabilidade e o compromisso da família e da escola para que essa seja realizada de forma saudável. Responder com verdade a as perguntas, sem se mostrar constrangido ou com ar de negação faz parte desse aprendizado, afinal se ignorarmos essa busca por informações estaremos realizando uma castração sexual, que na Psicanálise, o conceito de “castração” não corresponde à ação habitual de mutilação dos órgão sexuais masculinos, mas designa a interrupção de uma experiência psíquica completa, inconscientemente vivida pela criança por volta dos 5 anos de idade, e decisiva para a realização da sua futura identidade sexual.

Educação sexual é um tema atual presente em todas as camadas sociais e meios de comunicação. Trabalha-la dependerá do contexto cultural da época e da decisão humana. É visto dentro dessa história imposições, normas e costumes, o que torna esse processo um desafio, pois nos faz adotar novas posturas e conhecimentos.

A educação sexual é uma forma de orientar uma criança desde ser homem ou mulher. É ajudar na formação de sua identidade, servindo para afirmar o papel sexual, compreendendo seu amadurecimento e preparando sua inserção na vida. É passar estímulos decisivos para seu pleno desenvolvimento.

As crianças estão em constante desenvolvimento e suas ações e pensamentos estão ligados a influências e/ou interferências do meio, por isso a

educação sexual necessita adequar-se de forma contínua as necessidades dessas. É fundamental que essa educação seja realizada desde que a criança consiga compreender o que é dito pelos adultos, ou até antes de seu nascimento, se pensarmos a partir da educação que seus pais tiveram, ou até mesmo se estas crianças não se dispuserem a questionar sobre temas relacionadas a sexualidade, pois a ciência instrui que se o filho chegar aos seis anos de idade sem questionamentos sobre esses temas os pais devem iniciar este diálogo

A educação sexual prepara as crianças não apenas para um conhecimento fisiológico ou anatômico, mas também para os aspectos psicológicos e sociais relacionados. “Uma boa educação sexual necessita de informações corretas, conhecimentos claros e uma atitude madura frente às manifestações sexuais.” (SOUZA, 1999.).

Desde seu nascimento a criança já começa receber a educação sexual, pelo toque, aconchego, pelo olhar, afinal através dele a criança observa o que está acontecendo, mesmo que de forma inconsciente, mas essas informações colhidas serão armazenadas e farão parte do seu arquivo de conhecimentos que determinarão suas ações futuras.

A partir do seu desenvolvimento sexual o ser humano irá se adaptando consigo mesmo e irá incorporando a sexualidade a sua vida. Aprenderá exibir seu corpo com todo direito e sem culpas, repressões, sabendo orientar suas vontades para algo saudável e construtivo.

### **3. Papel da família na educação sexual dos filhos**

É em casa que recebemos nossas primeiras instruções de educação, valores, crenças e através disso começamos a formar nossos conceitos. Segunda a sexóloga e pós-graduada em educação sexual Laura Muller, os pais são os principais educadores dos filhos, eles já estão dando um roteiro para a criança de como ser homem ou como ser mulher no mundo. Isso é educação sexual. Gostaria de contribuir com a fala de Laura chamando atenção para aquilo que ela denomina “pais” entenda-se como os cuidadores da criança.

O que, as vezes, acaba acontecendo é que pais que possivelmente tiveram uma educação sexual extremamente repressiva e autoritária, entram em conflito com

seus filhos por desaprovarem esta fase das descobertas e curiosidades. É importante que a família admita que nem sempre seus valores e pensamentos sobre a educação sexual vão ao encontro das necessidades dos filhos e que desta maneira as crianças podem receber uma mensagem negativa dos pais, através de um modelo educacional repressivo, distante, autoritário e indiferente por parte deles.

O fato de a família ter valores conservadores, liberais ou progressistas, professar alguma crença religiosa ou não e a forma como o faz determina em grande parte a educação das crianças. Pode-se afirmar que é no espaço privado, portanto, que a criança recebe com maior intensidade as noções a partir das quais construirá sua sexualidade na infância. ( PCN – Orientação Sexual)

Partindo dessa afirmação, reconhecemos o quanto é importante e necessário que a família oriente seus filhos sobre questões sexuais, de forma clara e objetiva, sem constrangimentos e mentiras. Uma criança que recebe educação sexual, conforme Suplicy (1990), e que tem pais com quem conversar, tem maior possibilidade de assimilar os conceitos de responsabilidade pela própria saúde, higiene e bem-estar. Ademais, a educação sexual dada pela família não serve apenas para passar informações e transmitir valores, mas também desenvolver nas crianças o respeito ao outro.

Vivemos numa sociedade conhecida pela prática do “deixar para amanhã” as questões relacionadas à sexualidade. Uma das grandes barreiras para uma educação sexual na esfera familiar, como diz Trindade & Bruns (1999), refere-se ao receio de despertar nos jovens o início de sua vida sexual. Este mesmo receio encontra-se nos pais dos pequenos, estes demonstram um medo de, na tentativa de educar, acabarem estimulando-as a ações sexuais. Porém, ao contrário do que eles pensam, educação sexual não se estimula e nem antecipa a atividade sexual.

Um estudo desenvolvido nos Estados Unidos teve como objetivo principal comprovar, por meio de uma pesquisa experimental, a importância da participação da família, na intervenção da sexualidade dos filhos educando-os. Neste estudo (STANTON et al, 2004) os autores verificaram que os filhos que tiveram a presença e participação dos pais no programa de intervenção em educação sexual apresentaram, 24 meses depois, mais comportamentos de proteção do que de riscos em relação à sexualidade, comparados aos comportamentos avaliados antes da intervenção. Os resultados mostraram o aumento de comportamentos de

proteção com relação às DST's/AIDS e uso de substâncias psicoativas, a partir deste tipo de intervenção ou educação sexual.

De acordo com esta pesquisa acima citada é evidente que falta preparo para os pais na hora de falar sobre o assunto com os filhos e esse fato demonstra a necessidade destes terem acesso a um processo de educação sexual emancipatório para que possam refletir sobre suas crenças, rever seus posicionamentos e reformular conceitos equivocados e preconceituosos acerca da sexualidade. Essa mudança segundo Suplicy (1983), depende que se crie um ambiente familiar sem repressões, no qual qualquer assunto a respeito da sexualidade não seja proibido, e as informações sejam honestas, verdadeiras e naturais.

#### **4. A família e o papel do professor como orientador sexual**

Segundo Silves (2002), pesquisas atuais mostra que há evidências de que as crianças não entendem totalmente vários aspectos ligados à sexualidade a despeito de se envolverem em uma diversidade de condutas sexuais. Portanto fornecer informações sexuais para crianças, torna-as mais aptas para realizar decisões responsáveis no que diz respeito à sua própria conduta sexual.

Para obtermos uma transformação nas atitudes das crianças em relação a sexualidade, é preciso levar em consideração como e se estão sendo educados/orientados sexualmente, tanto pela escola como pelos familiares. A família deve ser a primeira a abordar esses assuntos e a escola dará continuidade. Assim sendo, escola e família necessitam trabalhar em conjunto, de modo a auxiliar o enfrentamento das crianças ante tais questões da sexualidade. (VILELAS JANEIRO, 2008).

Desde o início do século, quando surgiu à necessidade da temática ser discutida, a família já mostrou-se incomodada na sua explanação devido aos valores que carregam, decidindo assim a não abordagem com a desculpa que ainda está muito cedo para esta ser repassada, influenciando, com isso, negativamente o papel do professor como educador sexual. A ausência da educação sexual no ambiente familiar é mantida porque nela permanece a ideia de filhos “assexuados” (TIBA, 1994; TRINDADE & BRUNS, 1999). Embora nossa sociedade, nos últimos anos, ter mostrado um certo liberalismo em relação ao comportamento sexual dos jovens, a

sexualidade ainda é considerada exclusiva do mundo adulto e isso significa um controle do exercício da sexualidade das crianças.

No que diz respeito a educação sexual das crianças, é importante salientar que, é visível o intuito das famílias em reprimir rigorosamente todos os gestos e manifestações sexuais das mesmas. As crianças recebem, desde cedo, uma qualificação ou “julgamento” do mundo adulto em que está imersa permeando de valores e crenças que são atribuídos à sua busca de prazer tida como inadequada para idade. Portanto, não existe nenhuma intensão de educar para o exercício da sexualidade, mas sim para a repressão da sexualidade (BERNARDI, 1985).

As curiosidades das crianças sobre sexualidade são assuntos extremamente significativos, com as quais as crianças podem obter um conhecimento básico sobre as origens de cada um, criando um desejo de saber mais, e, assim, aparecem as dúvidas. Respondendo a estas curiosidades, estaremos colaborando para o esclarecimento e incentivando de forma positiva o desenvolvimento da criança ao longo da vida. Porém a ausência dessas respostas ou o oferecimento de respostas impróprias, acabam prejudicando tanto o desenvolvimento sexual das crianças como o trabalho dos professores na tentativa de repor tais informações, sem contar que crianças desinformadas são alvos fáceis dos abusadores.

Para Muller (2013), uma educação sexual de qualidade é aquela que pode originar constantes reflexões sobre temas coletivos ou individuais. A escola deve ter uma visão aberta sobre as experiências vividas pelos alunos, na intenção de desenvolver a busca de informações. Segundo Silvaes (2002), determinados comportamentos começam a ser vistos em crianças com faixa etária entre 3 e 5 anos, como: tirar roupa em público, brincadeiras sexuais com amigos de sala, masturbação por prazer. Daí a importância de uma educação sexual, na qual a criança seja orientada, não somente pela escola, mas principalmente pelos familiares, e que tais orientações contribuam para que essas crianças possam passar por essas fases sem traumas nem constrangimentos.

Na atualidade, os pais eximem-se da responsabilidade de educar sexualmente seus filhos por acreditarem que estes são novos demais para falarem sobre esse assunto. VITTELO (1997) alega que nossa sociedade vincula a prorrogação da comunicação aberta da sexualidade com crianças para um futuro

relativamente longínquo, pois, conforme já dito, muitas pessoas consideram assuntos relacionados a sexualidade exclusividade dos adultos.

Há também, na ausência da educação sexual, por parte da família, a impressão de que a sua abordagem possa vir a estimular e antecipar cada vez mais a prática sexual dos adolescentes. Segundo Trindade & Bruns (1999), uma das grandes barreiras para a educação sexual na esfera familiar refere-se ao receio de despertar nos jovens o início da sua vida sexual. Ao contrário do que se acredita, a educação sexual não estimula nem antecipa o desejo sexual. Já é reconhecido que esta contribui para atrasar a vida sexual, uma vez que, esclarecidos tendem a ser mais responsáveis e a adiar o início de sua vida sexual. (GUIMARÃES, 2003). Lembremos também que meninas informadas não engravidam precocemente, não praticam abortos clandestinos, nem contraem DSTs.

Nesse sentido, é evidente a falta de preparo dos pais para falarem sobre o assunto com os filhos. Falta esta que acarreta consequências para um diálogo sobre questões sexuais em casa e conseqüentemente acaba dificultando ou até mesmo impedindo o trabalho do professor em discutir tais assuntos em sala de aula.

#### **4.1 Algumas alternativas**

Levando em consideração tudo que foi já mencionado é fato a necessidade dos pais terem acesso a um processo de educação sexual emancipatório para que possam refletir sobre suas crenças, rever seu posicionamento e reformular conceitos equivocados e preconceitos acerca da sexualidade. A aceitação desta proposta de orientação de pais seria um passo fundamental para desvinculação que os pais têm da sexualidade com estereótipos e tabus e desta forma oferecer uma boa educação sexual aos filhos, é relevante que revejam suas dificuldades sobre o tema. Assim poderão informar e orientar seus filhos de forma mais positiva e sem preconceitos e atitudes anti-sexualidade. Essa mudança segundo Suplicy (1983), depende que se crie um ambiente familiar sem repressões, onde qualquer assunto a respeito da sexualidade não seja proibido, e as informações sejam honestas, verdadeiras e naturais.

Souza e Osório (1993) afirmam que cada criança é diferente da outra e que os pais é que as conhecem bem, sendo que a educação sexual da criança cabe, então, fundamentalmente a eles. Para tanto sugerem que os pais sejam chamados na escola, para dialogar sobre o assunto, receber esclarecimentos úteis e poder assim estar mais aptos a dar educação sexual aos seus filhos.

As primeiras tentativas de desenvolver esse trabalho, junto com a família, pode começar a partir de conversas informais, nas quais será feita uma sondagem quanto as necessidades de informações sobre a temática. Em seguida, entrar no assunto propriamente dito, porém com delicadeza e respeito. Para que esta seja realizada de forma a fazer os pais interagirem e colaborarem de forma positiva, pode ser oferecido pela escola oficinas, ensinando diferentes formas de abordar questões da sexualidade de forma lúdica, como por exemplo: livros sobre o nascimento dos bebês, atlas do corpo humano, bonequinhos com sexo, a boneca grávida, entre outros.

O professor deverá realizar reuniões, junto a família, nessas serão discutidas as manifestações das crianças observadas em sala de aula e pátio, os manejos utilizados e as formas que estes aspectos poderiam ser trabalhados. Realizar também seminários teóricos com o objetivo de estudar as fases do desenvolvimento e as fantasias sexuais infantis.

Todas as atividades a serem desenvolvidas poderão ser comunicadas previamente, através de uma comunicação escrita, nesta também pode conter sugestões de livros para serem lidos juntos com os filhos.

É indispensável que seja salientado nestas reuniões a importância da participação da família na orientação sexual de seus filhos, mostrando também o quanto a família ganha em termos de confiança e proximidade afetiva com esse aprendizado. Deve-se apresentar a família o procedimento da escola em relação ao trabalho de educação sexual e seus objetivos, deixando claro que a função da escola é de informar, trabalhando com respeito à criança, procurando orientar e responder as perguntas com informações corretas.

## 5 CONCLUSÃO

Baseado no que foi exposto, conclui-se como é grande a necessidade do estabelecimento da educação sexual dentro do contexto familiar, para que assim, essa família possa dar condições a um trabalho conjunto com o professor, e com isso proporcionar às crianças: informações, esclarecimentos e orientá-las quando à práticas adequadas da sexualidade.

Os referenciais consultados evidenciam como as influências negativas, por parte da família, podem e prejudicam o trabalho do professor nesse processo de orientação sexual, pelo mesmo não poder exercer seu papel. A família ainda esbarra em barreiras para o estabelecimento da referida orientação sexual por acreditarem que os filhos não são seres sexuados, ou por considerarem que o diálogo antecipa a vida sexual. Enquanto isso, nas escolas, a educação sexual não tem abarcado as ansiedades das crianças, uma vez que, esta vem sendo limitada, aliando-se apenas a aspectos biológicos, negando toda amplitude prazerosa e benefícios que a mesma propicia.

Diante do despreparo da família provocado pelo atual e histórico contexto social para lidar com as manifestações da sexualidade da criança, a escola assume mais esse importante papel; contudo, para que isso ocorra, faz-se necessário investir numa formação para os pais e todos que têm influências na vida dessa criança.

### ABSTRACT

Sexual education has been a need in school meetings. One of the variables of this process is the interference of the family in the development of the teacher's role as a sex counselor because of their religious, cultural and personal beliefs, resulting in not accepting their children to be educated on issues of sexuality within the school. We aim to reflect on the negative interference of the family in the role of the teacher as sexual guide and suggest how this can help the teacher in the continuation of sexuality orientation process. The methodology used is a literature, qualitative and analytical research. We hope to contribute with families who, for lack of information and / or obedience to their beliefs, they fail to cooperate or collaborate with the school erroneously that sexual education process..

**KEYWORDS:** Family. Role of teacher. Sex education. Sexual orientation.

## REFERÊNCIAS

BERNARDI, M. A. *Deseducação Sexual*. São Paulo: Summus, 1985.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual*. Brasília, DF: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

GAGLIOTTO, G. M. *A educação sexual da criança e a pedagogia da infância: matrizes institucionais, disposições culturais, potencialidades e perspectivas emancipatórias*. 2009.

GUIMARÃES, A. M. A. N.; VIEIRA, M.J.; PALMEIRAS, J. A. *Informações dos Adolescentes sobre Métodos Anticoncepcionais*. *Revista Latina-Americana de Enfermagem*, v. 11, n. 3, p. 293-298, 2003.

MULLER, L. *Educação sexual em 8 lições: como orientar da infância a adolescência: um guia para professores e pais*. São Paulo: Academia do Livro, 2013.

SILVARES, E. F. M. *Orientação sexual da criança*. In: BRANDÃO, M.Z.S.; CONTE, F. C. S.;

SUPLICY, M. *Conversando sobre sexo*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

260 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SOUZA, Hávila Pauliv de. *Orientação Sexual, necessidades e realidade*. 1º ed. (ano 1999), 6º reimpr./Curitiba: Juruá, 2010.

SUPLICY, M. *Conversando sobre sexo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

TRINDADE, E.; BRUNS, M. A. T. *Adolescentes e paternidade, um estudo fenomenológico*. Ribeirão Preto: Holos, 1999

VITIELLO, N. *Quem Educa o Educador: Um Manual para Jovens, Pais e Educadores*. São Paulo: Inglu, 1997.